

FORMAÇÃO DE TREINADORES DE HANDEBOL NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES E LACUNAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA



<https://doi.org/10.56238/arev7n4-311>

Data de submissão: 20/03/2025

Data de publicação: 20/04/2025

Ana Júlia Sanches Martins
Bacharel em Educação Física
Instituição: Universidade Estadual de Maringá
E-mail: ra123924@uem.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1605348844753147>

Joyce Cristina Claro Menoti
Mestra em Educação
Instituição: Universidade Estadual de Maringá
E-mail: joyceclaro26@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3716-1989>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0236073319056832>

Caroline Broch
Doutora em Educação Física
Instituição: Universidade Estadual de Maringá
E-mail: carolinebroch@yahoo.com.br/
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6140-6798>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1172431142831512>

Eloisa Maria dos Santos Cândido
Bacharel em Educação Física
Instituição: Universidade Estadual de Maringá
E-mail: ra118126@uem.br/
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1225-5031>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8491428811525071>

Guilherme França Fusco
Licenciado em Educação Física
Instituição: Instituto Federal do Paraná
E-mail: wilberfusco@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2081-6237>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4175350496853811>

Ieda Parra Barbosa-Rinaldi
Doutora em Educação Física
Instituição: Universidade Estadual de Maringá
E-mail: parrarinaldi@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1258-7155>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8875226890794702>

RESUMO

Este estudo teve como objetivo mapear a produção científica acerca da formação de treinadores de handebol, com vistas a identificar as lacunas e contribuições para o campo da Educação Física no Brasil. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática em bases como Periódicos Capes, Scielo e Lilacs, abrangendo publicações de 2010 a 2024, com os termos “handebol” combinados a “formação”, “treinador” e “treinadores”. Após aplicação de critérios rigorosos de inclusão e exclusão, a amostra final contemplou seis artigos. Os resultados foram organizados em três categorias principais: carreira do treinador, formação do treinador e formação acadêmica. Constatou-se como pontos centrais a marcada hegemonia masculina na carreira de treinador, a valorização das vivências prévias como atletas da modalidade em detrimento da formação inicial, além do reconhecimento das formações promovidas pela Confederação Brasileira de Handebol como relevantes para a qualificação profissional. Também se evidenciou a produção ainda incipiente de conhecimento na área e as limitações nos conteúdos e nas experiências práticas oferecidas pelos cursos de graduação em Educação Física. Conclui-se, assim, a necessidade de maior articulação entre teoria e prática nos processos formativos, bem como a urgência de novos estudos que subsidiem o campo esportivo e acadêmico, contribuindo para a melhoria da formação e atuação de treinadores de handebol no Brasil.

Palavras-chave: Educação Física. Handebol. Carreira de Treinador.

1 INTRODUÇÃO

O esporte constitui-se como uma das instituições sociais mais relevantes e consolidadas ao longo da história da humanidade (Elias; Dunning, 1992), ocupando um lugar de destaque no imaginário social brasileiro, em que se estabelece como prática cultural, fenômeno midiático e via de mobilidade social. Essa relevância evidencia-se tanto pelo volume de saberes acumulados e transmitidos entre gerações, quanto pela presença marcante do fenômeno esportivo na vida das pessoas, seja na condição de praticantes, seja como espectadores, em diferentes períodos e contextos socioculturais (Tani, 2023; Marques; Rodrigues, 2014).

O handebol, por sua vez, é uma prática esportiva com registros históricos que remontam à Antiguidade, tendo passado por diversas adaptações ao longo do tempo. As transformações mais significativas ocorreram a partir da sistematização proposta pelo alemão Karl Schelenz, na década de 1930. As regras estabelecidas por Schelenz guardam grande semelhança com as que regem o handebol contemporâneo, sendo relevante destacar que a modalidade estreou como esporte olímpico nos Jogos de Berlim, em 1936, fato que evidencia sua importância histórica no cenário esportivo mundial (Machado, 2023).

No âmbito do esporte de alto rendimento, o handebol, assim como outras práticas esportivas formalmente reconhecidas, apresenta uma estrutura organizacional definida. Em nível internacional, essa função é desempenhada pela Federação Internacional de Handebol (IHF), enquanto no Brasil a modalidade é regulamentada pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), responsável pela organização de campeonatos e eventos oficiais. Além disso, cada estado brasileiro conta com sua respectiva liga estadual, vinculada à CBHb, que também oferece cursos de formação voltados para técnicos, árbitros e atletas, contribuindo para o fortalecimento e a disseminação da modalidade.

No que se refere à formação de treinadores esportivos, observa-se um movimento de maior preocupação e investimento no processo formativo a partir da década de 1990. Durante muito tempo, o exercício da função de treinador esteve pautado predominantemente na experiência empírica, desprovido de respaldo em cursos específicos ou em fundamentação teórica consistente. Essa ausência de uma formação sistematizada resultou na consolidação de uma atuação fortemente alicerçada na vivência prática, em detrimento de conhecimentos científicos e pedagógicos consolidados (Rodrigues; Paes; Souza Neto, 2018; Milisted *et al.*, 2018).

No cenário brasileiro, o exercício da função de treinador de handebol não exige, necessariamente, registro junto ao Conselho Regional de Educação Física – CREF (Küster Júnior, 2018). Em decorrência disso, é comum que ex-atletas ou indivíduos com vasta experiência na modalidade atuem como treinadores, mesmo sem formação específica, mobilizando seus

conhecimentos práticos em benefício do desenvolvimento do handebol como prática social (Jones, 2006; Santos *et al.*, 2023). Ressalta-se que, embora os atletas ocupem posição de protagonismo no contexto do alto rendimento, os resultados alcançados estão diretamente relacionados ao trabalho da comissão técnica, em especial à atuação dos treinadores (Jones, 2006; Gilbert; Trudel, 2001).

No campo científico da Educação Física, constata-se que a produção de conhecimento relacionada à formação de treinadores de handebol ainda é incipiente. Embora exista um número significativo de estudos voltados a outras modalidades esportivas, o handebol permanece como um campo que carece de investigações mais aprofundadas e sistemáticas. Assim, pretende-se contribuir para a identificação de lacunas presentes nas pesquisas já realizadas sobre a formação e a atuação de treinadores de handebol, de modo a fomentar novas investigações que aprofundem o tema.

Diante desse cenário, objetivou-se mapear e analisar a produção científica acerca da formação de treinadores de handebol no Brasil, identificando lacunas e contribuições para o campo da Educação Física. Espera-se, com isso, ampliar a produção acadêmica na área e, consequentemente, impactar positivamente a prática profissional, fortalecendo o desenvolvimento qualificado do handebol no país.

2 METODOLOGIA

Para esta investigação, adotou-se o método de revisão bibliográfica sistemática, tendo como amostra artigos científicos publicados em periódicos da área de Educação Física. As bases de dados selecionadas para a coleta foram Periódicos CAPES, SciELO e LILACS, em razão de sua reconhecida confiabilidade acadêmica e da diversidade de publicações disponíveis. Com o objetivo de abranger o maior número possível de estudos relacionados à temática, definiu-se um recorte temporal que abrange o período de 2010 até 2024, ano em que foi realizada a busca.

Para a coleta dos dados, utilizamos os buscadores “handebol” associando o buscador booleano “e” aos termos: “formação”, “treinador” e “treinadores”, individualmente. Como critérios de inclusão, foram selecionados os artigos que possuíssem estes três tópicos: 1) Ter no mínimo, dois buscadores no título, haja vista que se faz necessário a relação entre o handebol e a carreira de treinador; 2) não ser artigo de revisão e 3) ter acesso aberto. Os critérios de exclusão foram: 1) Estudos duplicados e 2) Estudos que possuíam os dois buscadores, porém, não possuíssem relação com o tema.

A busca inicial, realizada por meio das bases de dados e buscadores selecionados, resultou em um total de 47 artigos. Desses, seis foram localizados a partir dos descritores ‘handebol’ e ‘formação’; um, por meio da combinação ‘handebol’ e ‘treinador’; e quarenta, pela combinação ‘handebol’ e ‘treinadores’. Para sistematizar e categorizar os estudos encontrados, foi elaborada uma planilha no programa Microsoft Excel, em que os dados foram organizados de forma a facilitar a triagem.

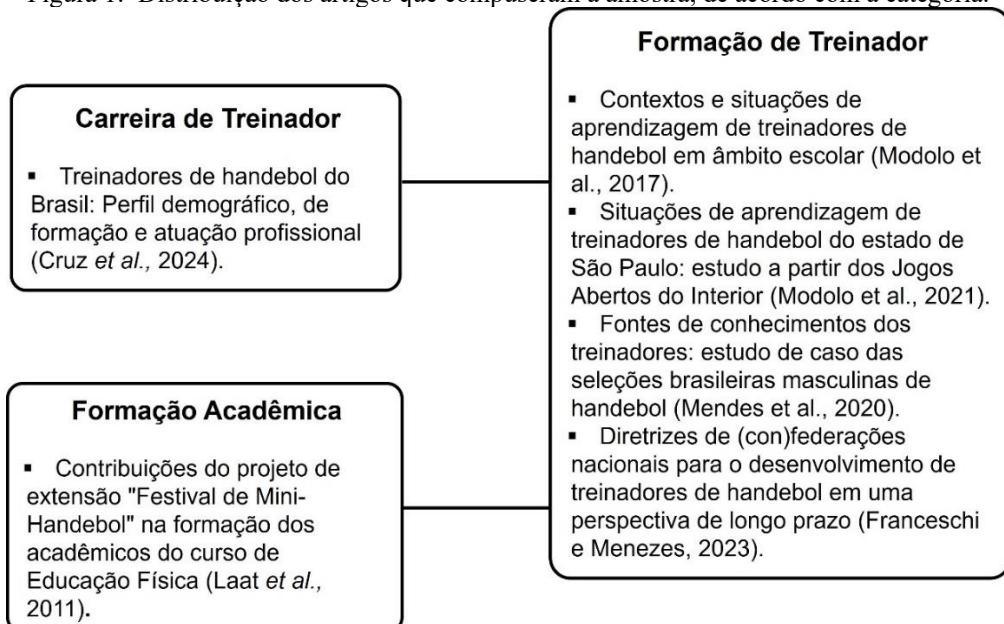
Aplicando-se o primeiro critério de exclusão, que consistiu na eliminação de artigos duplicados, foram removidas 16 produções redundantes, resultando em um total de 31 artigos para as etapas subsequentes de análise.

A partir da leitura dos resumos dos artigos remanescentes, as produções foram agrupadas em subcategorias temáticas, definidas conforme os objetivos e enfoques de cada estudo. As subcategorias identificadas foram: Treinamento Técnico-Tático (15), Formação de Treinador (4), Ensino do Handebol (3), Análise de Jogo/Treino (3), Motivação (1), Carreira de Treinador (1), Formação Acadêmica (1), Esporte Social (1) e Formação de Atleta (1). Visando atender ao objetivo central desta pesquisa, optou-se por reunir apenas as subcategorias que evidenciam interfaces diretas com a carreira de treinadores de handebol no Brasil. Assim, as subcategorias “Formação de Treinador”, “Formação Acadêmica” e “Carreira de Treinador” foram mantidas como corpus de análise, resultando em uma amostra final composta por seis artigos.

3 RESULTADOS

Para a apresentação dos resultados, três categorias definidas *a posteriori* estruturaram a análise dos estudos selecionados: 1) Carreira de treinador; 2) Formação de treinador; e 3) Formação acadêmica. A Figura 1 ilustra a distribuição dos seis títulos identificados nesta revisão sistemática, organizados de acordo com essas três categorias centrais, que serão discutidas ao longo deste texto.

Figura 1: Distribuição dos artigos que compuseram a amostra, de acordo com a categoria.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na categoria “**Carreira de treinador**”, o estudo de Cruz *et al.* (2024) oferece uma contribuição relevante para a compreensão das trajetórias profissionais nesse contexto, ao explorar aspectos relacionados ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento contínuo na área. Nesse estudo, que objetivou descrever o perfil demográfico, a formação e atuação profissional de treinadores de handebol no Brasil, observou-se a maioria dos treinadores participantes foi composta por homens (81%; n=183), enquanto as mulheres representaram apenas 19% (n=43). A baixa representatividade feminina identificada motivou investigações em outras federações, revelando que mais de 70% delas não contavam com nenhuma mulher registrada.

Vale destacar que grande parte dos profissionais apresentava formação em nível de pós-graduação e experiência prévia com categorias de base, sendo que apenas 4% da amostra não possuía vivência anterior em modalidades coletivas. Esse dado evidencia que a maioria iniciou sua trajetória profissional a partir das próprias experiências como atleta, construindo novas perspectivas à medida que se especializava na função de treinador. Além disso, constatou-se que, para a maioria dos profissionais, o trabalho com o handebol não representa sua principal fonte de renda, o que representa um desafio, visto que muitos desses profissionais acumulam outras ocupações o que implica, frequentemente, em sacrifícios de finais de semana para estudos e aperfeiçoamento técnico.

Outro aspecto desafiador refere-se às diferenças regionais na formação e prática do handebol. As trocas entre treinadores de distintas regiões mostraram que estratégias eficazes em uma equipe nem sempre são aplicáveis a outra, em virtude das especificidades locais. Esse cenário demanda uma postura de adaptação contínua, caracterizada por processos de experimentação e ajustes, de modo que os treinadores possam adequar suas metodologias às diversas realidades em que atuam. A relevância desse estudo reside justamente em evidenciar os percursos formativos que moldam as práticas e os sentidos atribuídos à atuação dos treinadores no contexto investigado.

No que se refere à categoria “**Formação de treinadores**”, que abrangeu quatro estudos, observou-se que o estudo de Modolo *et al.* (2017) investigou a formação de treinadores de handebol no âmbito escolar em um município do estado de São Paulo, identificando os contextos e as situações de aprendizagem mais valorizados por esses profissionais. Os resultados destacaram que, embora a Educação Física tenha como uma das atribuições o treinamento especializado nas áreas de atividades físicas e desporto (Brasil, 1998) e a graduação em Educação Física ofereça uma formação generalista importante, ela não é suficiente para atender às demandas específicas da atuação como treinador esportivo, especialmente quanto ao domínio de conhecimentos técnicos e à organização curricular. Assim, os autores reforçam a necessidade de maior aproximação entre a formação acadêmica e o campo prático, com estágios em diferentes modalidades. Verificou-se também que os treinadores

buscaram complementar sua formação em contextos não formais e informais, como experiências prévias como atletas, fontes online e trocas diárias com outros treinadores, destacando uma maior valorização por essas situações de aprendizagem para o aprimoramento profissional.

De modo semelhante, o estudo de Modolo e colaboradores (2021) objetivou identificar como as diferentes situações de aprendizagem (mediada, direta e interna) influenciam a formação dos treinadores de handebol do Estado de São Paulo. A aprendizagem mediada diz respeito à formação acadêmica, contemplando graduação e pós-graduação, que por sua vez, foi apontada como superficial e limitada em conteúdos específicos da modalidade, ensino tecnocrático e descontextualizado. Por essa razão, a busca por especialização tem ocorrido, predominantemente, por meio de cursos extracurriculares oferecidos por federações estaduais ou pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHB). Já a aprendizagem direta relaciona-se ao contato prévio com o handebol, à observação de jogos e estratégias, bem como à interação com outros treinadores, esse tipo de aprendizagem destacou-se como o de maior importância, pois a troca de experiências, o esclarecimento de dúvidas e a obtenção de conselhos favorece uma aprendizagem mais completa. Por sua vez, a aprendizagem interna envolve a autocrítica e a reflexão sistemática sobre a própria prática, tanto na condição de atleta quanto de treinador, que aparece de maneira muito discreta nos relatos.

Mendes *et al.* (2020) propuseram-se a identificar as fontes de conhecimento mais valorizadas pelos treinadores assistentes das seleções masculinas de handebol do Brasil. Os resultados indicaram que esses profissionais atribuem significativa importância às fontes de conhecimento derivadas da experiência profissional e, também, elevada valorização das fontes de conhecimentos procedentes da formação acadêmica apesar da menor influência no processo de formação e desenvolvimento dos treinadores de elite internacionais. A pesquisa evidencia que a aprendizagem adquirida na formação universitária é altamente valorizada tanto por treinadores principais quanto por assistentes técnicos, especialmente no que se refere à atuação prática e à construção do modelo de jogo das seleções masculinas. Contudo, destacam que o processo de formação e desenvolvimento de treinadores a longo prazo deveria ser uma preocupação imediata e constante das entidades administrativas do esporte no país, assim como aprimorar e expandir as investigações acerca do contexto competitivo em diferentes níveis do Handebol e de outras modalidades esportivas.

O estudo de Franceschi e Menezes (2023) analisou as diretrizes de formação de treinadores de handebol em países que obtiveram resultados expressivos no cenário internacional. Verificou-se que, no contexto do handebol brasileiro, há ausência de uma sistematização das ações formativas promovidas, evidenciando o distanciamento entre os órgãos reguladores e seus demais protagonistas (treinadores e jogadores), diferentemente de outros países estudados em que se percebe uma

participação sistemática e muitas ações que envolvem entidades e treinadores, indicando uma identidade cultural esportiva. Compreende-se, assim, que diretrizes e critérios bem estabelecidos e consolidados pelas instituições contribuem para a clareza e coerência do processo formativo com potencial de fomentar e fortalecer a modalidade em seus respectivos contextos.

De modo geral, as contribuições de Modolo *et al.* (2017), Modolo e colaboradores (2021) e Mendes *et al.* (2020) são fundamentais para compreender as dinâmicas de capacitação e de aprimoramento contínuo dos treinadores de Handebol, bem como evidenciam as principais fontes de conhecimento mobilizadas pelos treinadores e que corroboram para seu processo formativo. Por sua vez, o estudo de Franceschi e Menezes (2023) discute as diretrizes formuladas por confederações nacionais para o desenvolvimento de treinadores de handebol em uma perspectiva de longo prazo, destacando o papel das políticas institucionais na consolidação dessa formação e de uma cultura esportiva no país.

Por fim, na categoria “**Formação acadêmica**”, o estudo de Laat *et al.* (2011) destaca as contribuições de um projeto de extensão – o “Festival de Mini-Handebol” – para o processo formativo de acadêmicos do curso de Educação Física, explorando as experiências práticas e as interações vivenciadas pelos estudantes universitários. Entre os aspectos positivos identificados, ressaltam-se a aproximação dos alunos com os esportes coletivos e com a futura prática profissional, o acesso das crianças à prática esportiva e a promoção de momentos de lazer para a comunidade escolar. Por outro lado, foram apontados fatores preocupantes, como a recusa de uma professora em permitir a participação de um aluno com deficiência, sob a justificativa de limitações físicas, além da tentativa de selecionar apenas os “melhores” estudantes para as atividades. Tais práticas destacam atitudes excludentes que contrariam os princípios da Educação Física escolar inclusiva. A ausência de ações pedagógicas para enfrentar essas situações revela uma lacuna significativa na formação docente, bem como na responsabilidade ética dos profissionais da área.

Em síntese, a partir da apresentação das categorias e das produções analisadas, evidenciam-se reflexões e contribuições significativas acerca da formação de treinadores de handebol no Brasil, abrangendo aspectos relacionados à formação acadêmica, à formação continuada, ao desenvolvimento profissional e à trajetória de carreira como um todo. Considerando essas constatações, o tópico a seguir propõe uma discussão dos resultados obtidos, articulando-os com outras reflexões e debates já consolidados no campo da Educação Física. Essa correlação busca ampliar a compreensão dos desafios e possibilidades relacionados à formação de treinadores, situando-os em um contexto mais amplo de questões que atravessam a área.

4 DISCUSSÃO

Nesta seção, os principais achados desta revisão sistemática são discutidos e analisados em diálogo com a literatura especializada na área da Educação Física. Essa correlação busca ampliar a compreensão dos desafios e possibilidades relacionados à formação de treinadores, situando-os em um contexto mais amplo de questões que atravessam a área. Segundo a mesma categorização utilizada na apresentação dos resultados, a discussão perpassa pela carreira de treinador, pela formação profissional e pela formação acadêmica, evidenciando como os resultados se relacionam com problematizações mais amplas já presentes no campo, contribuindo para o avanço das reflexões e para a proposição de caminhos possíveis para o desenvolvimento qualificado desses profissionais.

Ao tratar da **carreira de treinadores** de Handebol, os achados demonstram um cenário de treinadores predominantemente do sexo masculino (Cruz *et al.*, 2024, apontando para uma desigualdade de gênero persistente nesse campo. Esse dado reforça o que apontam Simões e Dallabrida (2010) e Goellner (2003; 2021) ao discutirem como as relações de poder de gênero ainda delimitam o acesso e a permanência de mulheres em cargos de liderança e tomada de decisão no esporte. Conforme Messner (2002), a hegemonia masculina no contexto esportivo não se configura apenas como uma questão numérica, mas revela estruturas simbólicas que reproduzem estereótipos de masculinidade associados à autoridade técnica e ao alto rendimento.

A literatura sobre a carreira de treinador esportivo no Brasil (Oliveira, Paes, Balbino, 2010; Oliveira; Paes, 2018), aponta que em especial nas modalidades coletivas, tende a configurar-se como uma ocupação secundária, funcionando como complemento de renda para muitos profissionais. Essa característica está diretamente associada à precarização dos vínculos de trabalho, à ausência de políticas de valorização e à falta de estrutura que viabilize o treinamento como principal atividade remunerada. Essa realidade converge com os achados desta pesquisa (Cruz *et al.*, 2024), que indicam que a função de técnico costuma ocupar um lugar secundário na carreira profissional, o que limita tanto o envolvimento mais aprofundado quanto as possibilidades de qualificação continuada e utilização estratégias e metodologias diversificadas.

Em se tratando da **formação profissional**, aspecto significativo refere-se à insatisfação com os conteúdos abordados na formação inicial, mencionado em vários estudos (Modolo *et al.*, 2017; 2021; Mendes *et al.*, 2020; Franceschi e Menezes, 2023), frequentemente percebidos como genéricos e insuficientes para atender às demandas específicas da modalidade. Essa lacuna formativa já havia sido sinalizada por Bettega *et al.* (2018), que discutem a distância entre o currículo formal da Educação Física e as exigências práticas do campo esportivo, principalmente no que se refere a modalidades coletivas menos exploradas, como o handebol. Nesse sentido, Pimenta (2019) defende que a formação

de professores e treinadores deve superar a fragmentação teórico-prática, contemplando saberes pedagógicos, técnicos e contextuais de modo integrado.

A necessidade apontada pelos treinadores pesquisados (Modolo *et al.*, 2017; Modolo *et al.*, 2021; Mendes *et al.*, 2020), de buscar especializações oferecidas por federações estaduais ou pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) evidencia uma tentativa de suprir lacunas deixadas pela graduação, assim como propiciar maior qualificação para atuação no campo do treinamento esportivo. No Brasil, o currículo de Educação Física inclui disciplinas de conhecimentos de base, conhecimentos de treinamento e estágios, contudo, os cursos possuem um caráter mais generalista do que especialista, e estudantes que almejam se tornar treinadores percebem um excesso de aulas teóricas, a falta de relação entre teoria e prática e a superficialidade dos conteúdos abordados (Milisted *et al.*, 2018; Santos *et al.*, 2023).

Cabe destacar, ainda, um aspecto recorrente em diversos estudos que foi a predominância de ex-atletas que migram para a função de treinador e a forte valorização da experiência prática como principal fonte de legitimidade no campo esportivo (Modolo *et al.*, 2017; Modolo *et al.*, 2021; Mendes *et al.*, 2020; Cruz *et al.*, 2024). Conforme aponta Jones (2006), embora a experiência como atleta seja relevante, ela não substitui uma formação pedagógica consistente, sendo necessária a articulação entre saberes empíricos e científicos para qualificar a intervenção profissional. Nessa direção, Rodrigues, Paes e Souza Neto (2018) afirmam que a construção da identidade do treinador se dá num processo dinâmico de socialização profissional, no qual saberes oriundos da experiência como atleta e das práticas informais complementam e, por vezes, suprem lacunas deixadas pela formação inicial, evidenciando a centralidade do saber prático nesse processo, bem como a necessidade de repensar a articulação entre currículo formal e as demandas específicas de modalidades como o handebol.

Outro ponto de destaque é a escassez de pesquisas voltadas para o ensino e a didática do handebol, bem como a falta de métodos específicos para sua especialização (Mendes *et al.*, 2020). Essa lacuna acadêmica pode contribuir para a perpetuação de uma prática empírica, que, embora valorize a experiência prática, carece de fundamentação sistematizada que permita avanços pedagógicos (Milisted *et al.*, 2018). Lopes, Alves, Carbinatto (2016) já haviam problematizado essa ausência de estudos mais aprofundados sobre modalidades gímnicas e coletivas na produção científica brasileira, corroborando o desequilíbrio entre teoria e prática. Assim, parece que o desenvolvimento profissional de treinadores se dá, majoritariamente, por meio de processos não formais, baseados em redes de aprendizagem situadas na prática.

Ademais, observam-se que questionamentos recorrentes na produção de conhecimento acerca da necessidade de refletir sobre o papel das entidades no desenvolvimento da modalidade,

especialmente no que se refere às atribuições e responsabilidades da Confederação Brasileira de Handebol (Modolo *et al.*, 2021; Franceschi; Menezes, 2023). Torna-se essencial que essa instituição assuma um protagonismo mais efetivo no processo de formação e qualificação dos treinadores.

No que se refere à **formação acadêmica**, ressalta-se o papel essencial das Instituições de Ensino e dos currículos de Educação Física em oferecer espaços que integrem conhecimento teórico, vivências práticas e debates específicos sobre o Handebol. A partir do estudo de Laat *et al.* (2011), destaca-se o quanto as experiências práticas e interações diretas com a modalidade, seja no contexto escolar ou competitivo, possuem potencial para fortalecer o processo formativo.

Além disso, é importante ressaltar que a articulação entre teoria e prática, defendida por estudiosos da área, é imprescindível para uma formação acadêmica mais sólida e significativa no campo da Educação Física (Darido; Rangel, 2005; Pimenta, 2019). Os cursos devem garantir não apenas a transmissão de conhecimentos teóricos, mas também vivências práticas que favoreçam a construção de saberes aplicáveis à realidade escolar e esportiva. Nesse sentido, o estágio supervisionado, tal como discutido por Pimenta e Lima (2004), assume um papel central como espaço privilegiado para que os acadêmicos vivenciem, reflitam e reinventem sua futura prática profissional, aproximando-se das demandas e desafios do contexto real de atuação. Assim, experiências como a relatada por Laat *et al.* (2011) reforçam o potencial dos projetos de extensão e dos ambientes de prática para consolidar aprendizagens e ampliar a compreensão sobre a modalidade, contribuindo para a formação de profissionais mais preparados e conscientes de seu papel educativo.

Em linhas gerais, os achados desta revisão reforçam a importância de aprofundar as investigações sobre a formação e a atuação de treinadores de handebol, destacando que esse contexto envolve não apenas questões pedagógicas, mas também lacunas de ordem cultural e social. Torna-se, portanto, urgente promover discussões e produções acadêmicas mais alinhadas às demandas reais do campo, capazes de contribuir efetivamente para a qualificação desses profissionais e para o fortalecimento da modalidade.

5 CONCLUSÃO

O handebol, apesar de sua presença significativa em ambientes escolares e em competições regionais, ainda não alcança a visibilidade nem o apoio institucional que permitiriam sua consolidação como prática esportiva de maior expressão no cenário nacional. Tal invisibilidade repercute diretamente na produção acadêmica, que permanece escassa, especialmente no que se refere à formação de treinadores.

A ausência de estudos sistematizados sobre a formação de treinadores de handebol revela uma lacuna importante para o desenvolvimento qualificado da modalidade. A formação inicial, marcada por conteúdos muitas vezes genéricos e insuficientes para atender às especificidades do handebol, faz com que muitos profissionais recorram à prática empírica como principal fonte de aprendizagem. Assim, a experiência prática, frequentemente vinculada à trajetória como ex-atleta, se destaca como o critério mais recorrente para o ingresso e a manutenção na função de treinador, em detrimento de uma formação continuada sólida, planejada e respaldada por evidências científicas.

Destaca-se, portanto, a importância de ampliar os espaços destinados à formação, sejam eles formais ou não formais, que possibilitem uma articulação sistemática entre teoria e prática. É imprescindível que tais processos formativos contemplem não apenas os aspectos técnicos e táticos da modalidade, mas também dimensões pedagógicas, culturais e sociais. Ademais, ressalta-se a necessidade de que as metodologias de ensino sejam sensíveis às distintas realidades regionais e aos variados contextos de atuação dos treinadores, de modo a potencializar a qualidade do trabalho desenvolvido.

Outro ponto que merece atenção é a hegemonia masculina dos postos de trabalho para treinadores de handebol, destacada pelos dados levantados nesta revisão. A baixa representatividade feminina nesse campo sinaliza não apenas a persistência de barreiras de gênero no esporte, mas também a urgência de políticas e ações que promovam maior equidade de oportunidades para mulheres que desejam atuar como treinadoras.

Diante desse cenário, torna-se imperativo fomentar a produção científica sobre o handebol, em especial sobre a formação de seus treinadores, de modo a fortalecer a base de conhecimentos disponíveis, subsidiar políticas de desenvolvimento esportivo e contribuir para a profissionalização de quem atua nessa área. Espera-se que os achados desta revisão estimulem novos estudos e iniciativas voltadas à superação das lacunas identificadas, potencializando não apenas o desenvolvimento técnico do treinamento, mas também o papel social e educativo do handebol no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BETTEGA, O. B.; LOPES, F. J.; MENDES, W. D. Formação continuada de treinadores esportivos: possibilidades e limites. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 01-15, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998**. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os Conselhos Federal e Regionais de Educação Física. Brasília, DF: Presidência da República, [1998]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm. Acesso em: 29 jan. 2025.

CRUZ, J. H. B.; MOTTA, T. C.; SILVA, R. M. S.; BERGMANN, G. G. Treinadores de handebol do Brasil: perfil demográfico, de formação e atuação profissional. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 24, n. 2, p. 253–266, 2024.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. S. **Educação Física escolar**: implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**: esporte e lazer no processo de civilização. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCESCHI, V. A. B.; MENEZES, R. Diretrizes de (con)federações nacionais para o desenvolvimento de treinadores de handebol em uma perspectiva de longo prazo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 26, 2023. DOI: 10.5216/rpp.v26.74574.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: reflection in model youth sport coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v. 21, n. 1, p. 16–34, out. 2001. DOI: 10.1123/jtpe.21.1.16.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e esporte no Brasil**: questões de gênero em debate. Campinas: Autores Associados, 2003.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, p., 2021.

JONES, R. **The sports coach as educator**: reconceptualising sports coaching. London: Routledge, 2006.

KÜSTER JÚNIOR, M. L. C. C. **Técnico e treinador não precisam de registro profissional no CREF para atuar com orientação**. Küster Machado Advogados, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.kustermachado.adv.br/tecnico-e-treinador-nao-precisam-de-registro-profissional-no-cref-para-atuar-com-orientacao/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

LAAT, E. F.; DACIUK, M.; GORSKI, G. M.; FUNEZ, L. B. Contribuições do projeto de extensão “Festival de mini-handebol” na formação dos acadêmicos do curso de Educação Física. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 81–92, jul./dez. 2015.

LOPES, F. J.; ALVES, F. G.; CARBINATTO, M. V. A ginástica nos projetos esportivos escolares: compreensões e desafios. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 123-138, 2016.

MACHADO, I. M.; et al. Uma síntese histórica do sistema defensivo do handebol e seu legado no campo da educação física. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 5, p. 525–537, maio 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i5.9693.

MARQUES, R. F.; RODRIGUES. The concept of sport as a global phenomenon: plurality and controversy. **Revista Observatorio del Deporte**, v. 1, n. 1, p. 147–185, 30 dez. 2014.

MENDES, J. C.; MILISTETD, M.; IBÁÑEZ, S. J.; NASCIMENTO, J. V. Fontes de conhecimentos dos treinadores: estudo de caso das seleções brasileiras masculinas de handebol. **Pensar en Movimiento**, San José, v. 18, n. 2, p. 81–98, jul./dez. 2020. DOI: 10.15517/pensarmov.v18i2.41103.

MESSNER, M. A. **Taking the field: women, men, and sports**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

MILISTETD, M. et al. Student-coaches perceptions about their learning activities in the university context. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 281-287, 2018.

MODOLO, F.; MADEIRA, M. G.; SANTOS, W. R. dos; D'ALMEIDA, M. de P.; MENEZES, R. P. Contextos e situações de aprendizagem de treinadores de handebol em âmbito escolar. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1203–1216, 2017. DOI: 10.22456/1982-8918.71699.

MODOLO, F.; MADEIRA, M. G.; MORATO, M. P.; MENEZES, R. P. Situações de aprendizagem de treinadores de handebol do estado de São Paulo: estudo a partir dos Jogos Abertos do Interior. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 1, p. 81–94, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35i1p81-94.

OLIVEIRA, P. R. S.; PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A formação e o trabalho do treinador esportivo: algumas reflexões. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 179-200, 2010.

OLIVEIRA, P. R. S.; PAES, R. R. Treinador esportivo: reflexões sobre sua formação e identidade profissional. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 01-18, 2018.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: herança e reinvenção da prática**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2019.

RODRIGUES, H. A.; PAES, R. R.; SOUZA NETO, S. A construção da identidade na socialização profissional de treinadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 3, p. 427-441, 2018.

SANTOS, Y. Y. S.; CULVER, D.; GALATTI, L. R. Formação de treinadores(as) no contexto universitário: a complexidade da apropriação e do desenvolvimento do ensino centrado no aprendiz. **Movimento**, v. 29, p. e29039 out./jun. 2023.

SIMÕES, T. C.; DALLABRIDA, N. Desigualdade de gênero na gestão esportiva: análise de clubes de futebol profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 2, p. 187-203, 2010.

TANI, G. **Ensaio em educação física**. Editora Blucher, 2023.